

RAÍZES

José Cândido de Oliveira Martins*

Integrando o livro *Conheço o sal... e outros poemas* (1974) e datado do “Porto 25/8/1972”, na brevidade dos 36 versos, é um poema representativo da poética e da mundividência senianas. Com efeito, depois dos exílios no Brasil (a partir de 1959) e nos EUA (desde 1965), Sena passa por Portugal, considerando-se sempre, em múltiplas intervenções, um permanente exilado. É bem conhecida e justificável a insistência com que o autor aborda, em diversos géneros e registos, o tema do exílio e da pátria – da poesia à ficção, passando pelo ensaísmo, sobretudo camoniano. Aliás, 1972 é o ano do IV Centenário da edição de *Os Lusíadas*, sendo ele o orador convidado de vários eventos, em Portugal e pela Europa.

Repetindo o termo “raízes” ao longo do texto, o sujeito poético interroga-se com insistência sobre o conceito subjacente. Para o efeito, o poeta recorre a um vasto arsenal estilístico e argumentativo, enriquecendo a originalidade da sua dicção poética. Entre outras singularidades, salienta-se, introdutoriamente, o recurso a uma analogia negativa e a um debate polémico – “Raízes? Nem mesmo todas as plantas têm” (v. 1). A irónica analogia já fora usada por Gide na metáfora das plantas e árvores transplantadas.

De facto, o texto recorre à imagem das “gritarias de Barrès” (vv. 2-10), a partir da citação erudita de uma polémica francesa, contaminada ideologicamente, que opôs M. Barrès e Ch. Maurras a André Gide, “*La Querelle du peuplier*”, do início de Novecentos. Tendo como questão central a doutrina regionalista e “patriótica” de enraizamento (*enracinement*) pátrio do autor de *Les Déracinés* – “à quel moment un peuplier, si haut qu’il s’élève, peut être contraint au déracinement?” –, Gide interroga-se legitimamente em *Prétextes*:

“Né à Paris d’em père Uzétien et d’une mère Normande, où voulez-vous, Monsieur Barrès, que je m’enracine?”.

Na estrutura argumentativa do desenvolvimento do poema, numa dicção marcada por certo prosaísmo, sucede-se um enorme encadeamento de perguntas invectivas, em construção (quase) paralelística; e também de outros tantos exemplos de escritores portugueses que viveram fora da “pátria”, em diversas e fecundas experiências: Luís de Camões, F. Mendes Pinto, António Vieira, Eça de Queirós, Camilo Pessanha, Fernando Pessoa, J. Rodrigues Miguéis, a partir das questões iniciais – “Raízes? Como – por metáfora – se ganham/ ou se perdem? Sendo filhos? Sendo pai? As duas coisas?/ Vivendo aqui na pátria ou mais ou menos do que quantos anos?” (vv. 11-14). A sucessão de provocantes *exempla* culmina na farpa contra um certo Portugal, pois a pergunta sobre as “raízes” pátrias sempre advém – amarga ironia – do próprio país, tão ingrato para com alguns dos seus naturais, a quem forçou ao exílio e ao *pathos* respetivo.

Com a referida dupla estratégia enumerativa, eivada de funda e persistente ironia, acentua-se a enorme complexidade de falar do questionável conceito de “raízes” (vv.11 e ss.), sobretudo a partir de uma perspectiva essencialista e ontológica, de fundo nacionalista e patriótico, acerca do que é *ser português*, do *carácter nacional*, de um pretenso génio nacional ou *alma lusíada* (de T. Pascoaes a F. Cunha Leão e Jorge Dias), por um lado; e, por outro, transparece a crítica seniana a um conceito insustentável, a par da reiterada e implícita declaração de amor do poeta a Portugal, *malgré tout*. Afinal de contas, o ser humano transporta sempre as suas “raízes” com a língua, a literatura e a cultura que leva consigo. Sem menosprezar o local de nascimento – *pátria* no sentido ciceroniano, terra dos antepassados e espaço de aquisição adquire da cidadania –, definitivamente, não são as raízes que constroem a identidade múltipla do eu lírico.

O poema encerra com derradeiro *exemplum*, numa referência intertextual de recorte clássico a Heródoto (*Histórias*), a culminar a amarga discursividade

irónica (vv. 28–32), pois já na remota Antiguidade se questionavam as raízes e a identidade de um cidadão face aos “bárbaros”. Pela profunda relação com a temática de Portugal vivido do/no exílio, a leitura do poema ganha outro horizonte se relacionada com outros poemas, como “Glosa de Guido Cavalcanti” e “Em Creta com o Minotauro” (*Peregrinatio ad Loca Infecta*, 1969); ou ainda “A Portugal”, de 1961.

Em suma, superando fronteiras, sem patriotismos serôdios e propagandas insustentáveis, viver cosmopolitamente fora da terra natal não é um pecado de lesa pátria, nem pode amputar o sentimento de desejada pertença, mesmo a uma pátria madrasta.

* Professor Associado, doutorado em Humanidades (especialidade de Teoria da Literatura), é docente e investigador da Universidade Católica Portuguesa. Além de artigos vários para revistas da especialidade, de participação em congressos e colóquios, e de colaboração em volumes temáticos colectivos, publicou alguns livros, com destaque para: *Teoria da Paródia Surrealista*; *Para uma Leitura de ‘Maria Moisés’ de Camilo Castelo Branco*; *Naufrágio de Sepúlveda. Texto e Intertexto*; *Fidelino de Figueiredo e a Crítica da Teoria Literária Positivista*; *Alexandre Cabral (1917-1996) Dedicado Camilianista*. Além de editor de alguns dossiês temáticos de revistas, também co-organizou volumes de ensaios, como *Leituras do Desejo em Camilo Castelo Branco e Estética e Ética em Sá de Miranda*. Editou obras literárias (com fixação do texto, introdução e notas) de obras de Camilo Castelo Branco, António Feijó, Teófilo Carneiro e de Diogo Bernardes. Actualmente, integra a direcção da AIL – Associação Internacional de Lusitanistas, sendo Editor responsável da Plataforma 9 – Portal Cultural do Mundo de Língua Portuguesa.